

Valentin N. Volóchinov e a entonação expressiva: entre a tragédia e a glória / Valentin N. Vološinov and Expressive Intonation: Between Tragedy and Triumph

*Filipe Almeida Gomes**

RESUMO

Este trabalho tematiza o pensamento de Valentin N. Volóchinov a respeito do caráter valorativo da linguagem, com destaque para o conceito de *entonação expressiva*. Na primeira seção, o texto recupera, brevemente, o estatuto da expressividade nos tempos de Volóchinov; na segunda, empreende uma exposição das principais ponderações do autor, ao lado dos apontamentos de Medviédev e de Bakhtin; na terceira, evidencia as implicações da entonação expressiva, tendo em vista, especialmente, as práticas escritas. Este trabalho defende que se, por um lado, a entonação expressiva parece indicar a inexistência de parâmetros fixos para a validação de uma interpretação – o que poderia ser visto como uma *tragédia metodológica*, por comprometer a previsibilidade positivista –, por outro lado, a entonação expressiva parece indicar a impossibilidade de se tolher a heterogeneidade das interpretações – o que se revela uma *glória epistemológica*, por colocar o trabalho com o ato discursivo ao abrigo de toda investida positivista.

PALAVRAS-CHAVE: Volóchinov; Enunciado; Avaliação social; Entonação expressiva

ABSTRACT

This work thematizes the thought of Valentin N. Vološinov regarding the evaluative nature of language, with emphasis on the concept of expressive intonation. In the first section, the text briefly recovers the status of expressiveness in Vološinov's time; in the second section, this text presents an exposition of the author's main considerations, alongside notes from Medvedev and Bakhtin; in the third section, the present text highlights the implications of expressive intonation, especially considering written practices. This work argues that if, on the one hand, expressive intonation seems to indicate the lack of fixed parameters for validating an interpretation—which could be seen as a methodological tragedy, as it undermines positivist predictability—, on the other hand, expressive intonation seems to indicate the impossibility of limiting the heterogeneity of interpretations—which proves to be an epistemological triumph, as it protects the discursive act from any positivist attack.

KEYWORDS: Vološinov; Utterance; Social Evaluation; Expressive Intonation

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Programa de Pós-graduação em Letras, Campus Coração Eucarístico, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; <https://orcid.org/0000-0001-7356-3128>; filipegomeslc15@gmail.com

A essência da ciência da ideologia exclui a possibilidade do rigor e da precisão próprios das ciências da natureza.

Valentin N. Volóchinov

Considerações preliminares¹

Na obra intitulada *Valentin Volóchinov: a vindicação do axiológico*, apresentei meu entendimento de que, no pensamento do linguista russo Valentin N. Volóchinov (1895-1936), há uma vindicação do axiológico, ou seja, um reclame para que se dê ao caráter valorativo um lugar especial na compreensão da linguagem e da língua posta em funcionamento (Gomes, 2023b). Posteriormente, em outro trabalho, numa tentativa de conjugar teorização e análise, busquei elucidar aquilo que Volóchinov (2018a, p. 220) assume como “a ordem metodologicamente fundamentada para o estudo da língua”, bem como busquei “explorar o lugar de destaque que o autor confere à entonação expressiva, assumida como a mais plena realização da avaliação social” (Gomes, 2024, p. 2).

Agora, na esteira desses dois trabalhos, busco novamente tematizar o pensamento de Volóchinov a respeito do caráter valorativo da linguagem, com destaque para o conceito designado pela locução “entonação expressiva”. A partir de uma resumida recuperação do estatuto da expressividade nos tempos de Volóchinov e a partir de uma breve exposição das principais considerações de nosso autor, intento evidenciar algumas implicações da entonação expressiva. Mais precisamente, quero defender que se, por um lado, a entonação expressiva parece indicar a inexistência de parâmetros fixos para a validação de uma interpretação – o que poderia ser visto como uma *tragédia metodológica*, por comprometer a previsibilidade positivista –, por outro lado, a entonação expressiva parece indicar a impossibilidade de se tolher a heterogeneidade das

¹ Este texto é uma versão corrigida e ampliada da palestra “Valentin N. Volóchinov e a entonação expressiva: entre a glória e a tragédia”, proferida no IX Ciclo de Palestras e Debates sobre Oralidade e Letramento, do grupo de pesquisa “Práticas de Leitura e Escrita em Contexto Digital” (UNESP/CNPq), em maio de 2024. É, também, uma versão corrigida e ampliada da comunicação oral “Valentin N. Volóchinov e a entonação expressiva: entre a tragédia e a glória”, apresentada e discutida no Encontro Nacional do GT Estudos Bakhtinianos da ANPOLL, realizado na USP, em novembro de 2024. Agradeço a todos os colegas que, em alguma medida, cooperaram para essa versão final com suas perguntas e seus comentários. Em especial, agradeço aos meus amigos e mestres Carlos Alberto Faraco e Juliana Alves Assis, fundamentais em todo o processo.

interpretações – o que, do meu ponto de vista, revela-se uma *glória epistemológica*, por colocar o trabalho com o ato discursivo, cujo produto é o enunciado, ao abrigo de toda investida positivista.

1 Função expressiva e caráter valorativo: Volóchinov no simpósio universal

Entre 1927 e 1928, Volóchinov redigiu alguns norteamentos para o que viria a ser sua *magnum opus*, a saber, a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (daqui por diante, também *MFL*), publicada originalmente em 1929. Nessa espécie de esboço, o estudioso russo registrou algo que, para os propósitos deste texto, necessita ser retomado *in extenso*:

Atualmente, a linguística assimilou a diferenciação das funções da linguagem, que normalmente totalizam cinco (alguns linguistas aumentam e outros diminuem esse número): função *comunicativa*, *expressiva*, *nominativa*, *estética* e *cognitiva* (a língua como formação do pensamento). Essa teoria das funções da linguagem deve ser substancialmente reformulada em uma nova base metodológica. Do ponto de vista metodológico é completamente inadmissível colocar a função *comunicativa* da linguagem *ao lado* de suas outras funções (expressiva, nominativa etc.). A função comunicativa não é de modo algum uma das funções da linguagem, mas expressa a sua própria *essência: onde houver linguagem haverá comunicação*. Todas as funções da linguagem desenvolvem-se na base da comunicação, sendo somente seus nuances. Não há expressão de emoções e afetos fora da *comunicação: expressar a si na palavra significa comunicar a si mesmo*. Além disso, mesmo a nomeação não existe fora da comunicação. Tampouco há formação do pensamento fora da comunicação e da interação discursiva. O pensamento forma-se, diferencia-se, torna-se preciso, enriquece-se somente no processo da formação, diferenciação e ampliação da comunicação. Todo enunciado concreto (comunicativo em essência) normalmente desempenha algumas funções e é possível falar somente sobre o predomínio de uma delas. Além disso, a teoria das funções do enunciado deve ser concretizada e pormenorizada em relação estreita com as especificidades das situações sociais do enunciado (Volóchinov, 2018b, pp. 350-351; itálicos no original).

A meu ver, a despeito de sua curiosa ausência no texto final de *MFL*, o trecho supracitado mostra-se muito importante. Dentre outras questões que podem ser evocadas,

a importância de tal trecho justifica-se pela referência de Volóchinov a uma função expressiva da linguagem².

De fato, nos escritos efetivamente publicados pelo linguista russo, a designação “função expressiva da linguagem” não é comum. E, certamente, isso se vincula ao fato de que tal nomenclatura, nos tempos de Volóchinov, era movimentada por perspectivas que, ao lidarem com a expressividade, enquanto uma dimensão da linguagem voltada para o posicionamento do falante, tendiam a enfatizar aspectos individuais. Quanto a isso, lembremo-nos das considerações de nosso autor no ensaio “A palavra na vida e a palavra na poesia” (doravante, também PVPP), original de 1926:

É necessário lembrarmos sempre do seguinte (algo que a estética psicológica costuma esquecer): *a entonação e o gesto tendem a ser ativos e objetivos*. Eles expressam não apenas o estado emocional ou passivo do falante, mas sempre contêm uma relação viva e enérgica com o mundo exterior e o meio social: os inimigos, amigos e aliados. Ao entonar e gesticular, o homem ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores, condicionada pelos próprios fundamentos da sua existência social. Justamente esse aspecto da entonação e do gesto, que é objetivo-sociológico e não subjetivo-psicológico, deve interessar aos teóricos das artes correspondentes, pois nele se encontram as forças estético-criativas, construtivas e organizadoras desses fenômenos (Volóchinov, 2019a, p. 127; itálicos no original).

Como se pode observar, se as perspectivas psicologizantes tendiam a reforçar, quanto à expressividade, o aspecto individual, Volóchinov buscava dar espaço a uma orientação mais sociológica. Daí, então, a opção por uma terminologia – “avaliação social”, “valor social”, “ênfase social”, “acentos sociais vivos”, dentre outros termos (cf. Volóchinov, 2018a; 2019a) – que põe em destaque o fato de que até a expressividade precisa ser explicada em termos sociais.

Seja como for, o fato é que, a despeito da ênfase individualizante ou sociologizante, o que estava em cena era a *expressividade*. E, quanto a isso, como é possível deduzir do excerto supracitado de PVPP, parece um tanto nítido que Volóchinov

² Em meio às outras questões que justificam a importância do referido trecho, cabe apontar: (i) ele demonstra o fato de que a discussão sobre as funções da linguagem já estava ocorrendo nos dias de Volóchinov; (ii) ele demonstra o fato de que, como apontado em Gomes (cf. 2023b, p. 16 e p. 88), metodologicamente, o processo de axiologização do mundo depende da interação discursiva.

não estava começando algo absolutamente novo. Antes, nosso autor estava num simpósio universal.

Nesse simpósio universal, uma figura elementar foi o filósofo Wilhelm Windelband (1848-1915), constantemente reconhecido como o pai da escola neokantiana de Baden. Em sua preleção “Was ist Philosophie?” [O que é filosofia?], proferida em 1882 – posteriormente publicada no primeiro tomo da coleção *Präludien: Aufsätze und Reden zur Philosophie und ihrer Geschichte* [Prelúdios: ensaios e discursos sobre filosofia e sua história] –, Windelband propõe uma distinção entre *juízo* [*Urteil*] e *apreciação* [*Beurteilung*]. Como escreve o filósofo,

todas as frases nas quais expressamos nossos *insights*, apesar da aparente igualdade gramatical, podem ser divididas em duas classes distintas: os *juízos* e as *apreciações*. Na primeira, expressa-se a união de dois conteúdos de representações; na segunda, uma relação da consciência julgadora com o objeto apresentado. Há uma diferença fundamental entre as duas frases “essa coisa é branca” e “essa coisa é boa”, embora a forma gramatical dessas duas frases seja praticamente a mesma. Em ambos os casos, segundo a forma gramatical, um predicado é atribuído a um sujeito: mas, em um caso – enquanto predicado do juízo –, esse predicado é uma determinação contida em si mesma, tomada do conteúdo do que é apresentado objetivamente; no outro caso – enquanto predicado da apreciação –, é uma relação que aponta para uma consciência assentada em uma finalidade (Windelband, 2021, p. 33; grifo nosso)³.

Em outras palavras, Windelband concebe que há duas categorias de enunciados: aqueles que *representam o mundo* e aqueles que *avaliam o mundo representado*. E, aqui, muito mais do que avançar nas considerações do filósofo de Baden, importa observar que suas ideias fazem-nos recordar das palavras de Volóchinov (2018a, p. 93): “o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade,

³ Tradução nossa. No original: “Alle Sätze, in denen wir unsere Einsichten zum Ausdruck bringen, unterscheiden sich trotz der scheinbaren grammatischen Gleichheit in zwei genau voneinander zu sondernde Klassen: die *Urteile* und die *Beurteilungen*. In den ersten wird die Zusammengehörigkeit zweier Vorstellungsinhalte, in den letzteren wird ein Verhältnis des beurteilenden Bewusstseins zu dem vorgestellten Gegenstande ausgesprochen. Es ist ein fundamentaler Unterschied zwischen den beiden Sätzen: ‘dieses Ding ist weiß’ und ‘dieses Ding ist gut’, obwohl die grammatische Form dieser beiden Sätze ganz dieselbe ist. Einem Subjekte wird — der grammatischen Form nach — in beiden Fällen ein Prädikat zugesprochen: aber dies Prädikat ist in dem einen Falle — als Urteilsprädikat — eine in sich fertige, dem Inhalt des objektiv Vorgestellten entnommene Bestimmung; es ist im anderen Falle — als Beurteilungsprädikat — eine auf ein zwecksetzendes Bewusstsein hinweisende Beziehung”.

sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante”.

Numa perspectiva ainda mais ampla, cabe lembrar que a reflexão de Gottlob Frege (1848-1925), com o seminal “Sobre o sentido e a referência”, de 1892, também faz resumir a expressividade. Ali, num trecho de importância ímpar, o matemático e filósofo alemão considera:

Podemos, agora, admitir três planos de diferença entre palavras, expressões e sentenças completas. Estas diferem [entre si] seja quanto às ideias, seja quanto ao sentido mas não à referência, ou, finalmente, seja também quanto à referência. Quanto ao primeiro plano, deve-se notar que, devido à associação incerta das ideias com as palavras, alguém pode ver uma diferença que outro não consegue ver. A diferença entre uma tradução e o texto original não deveria ultrapassar este primeiro plano. Pertencem ainda a essas possíveis diferenças os *coloridos* [Färbungen] e os *sombreados* [Beleuchtungen] que a arte poética e a eloquência procuram dar ao sentido. *Tais coloridos e sombreados não são objetivos, mas devem ser evocados pelo próprio ouvinte ou leitor, conforme as sugestões do poeta ou do orador* (Frege, 2009, p. 136; grifos ossos).

Essa passagem presente em “Sobre o sentido e a referência” é seguida, ainda, por outros vários momentos em que o estudioso alemão esboça algo sobre o assunto (cf., p. e., Frege, 2002 [1918-1919], pp. 17-19). Mais importante do que isso, porém, esse trecho em muito nos faz lembrar do “tom emocional-volitivo”, de que nos fala Mikhail M. Bakhtin no manuscrito *Para uma filosofia do ato*, e da “entonação expressiva”, de que nos fala Volóchinov ao menos desde PVPP.

Além de Windelband e Frege – que, até onde se sabe, nunca foram citados por Volóchinov –, a discussão sobre a expressividade apareceu na pena de vários outros autores. A propósito, podemos falar de estudiosos mencionados por Volóchinov, como é o caso do linguista holandês Jac. van Ginneken (1877-1945) – autor de *Principes de linguistique psychologique: essai de synthese* [*Princípios de linguística psicológica: ensaio de síntese*], original de 1907; do filósofo austro-suíço Anton Marty (1847-1914) – autor de *Untersuchungen zur Grundlegung der allgemeinen Grammatik und Sprachphilosophie* [*Investigações sobre os fundamentos da gramática geral e da filosofia da linguagem*], original de 1908; e do linguista suíço Charles Bally (1865-1947) – autor de *Traité de Stylistique française* [*Tratado de estilística francesa*] e de *Le langage et la*

vie [A linguagem e a vida], publicados respectivamente em 1909 e 1913. A bem da verdade, a terminologia nem sempre era a mesma⁴. Entretanto, quando vistos de perto, o conjunto de termos estava sempre indicando que, na medida em que o homem é um ser que valora, o falante tende a movimentar na língua – ou, numa fraseologia mais direta, *expressar por meio da língua* – uma série de emoções, sentimentos e atitudes, sejam eles relativos a si mesmo, aos seus enunciados, aos seus interlocutores ou ao mundo, de modo mais geral.

Como já esboçado, nas obras de Volóchinov efetivamente publicadas, essa função expressiva vincula-se ao conceito designado pela expressão “avaliação social”, que seria algo como a atribuição de uma carga valorativa, construída de maneira interindividual, aos eventos, fenômenos e/ou objetos do mundo. Nessa direção, além dos apontamentos presentes em PVPP, de 1926, e em *O freudismo*, de 1927 (cf. Gomes, 2023a; 2023b), nosso autor explicita sua compreensão ao longo de *MFL*, com destaque para o quarto e último capítulo da segunda parte, intitulado “Tema e significação na língua”. Ali, o estudioso russo advoga que não há enunciado sem avaliação social e defende que tentar lidar com a significação do enunciado sem considerar o fato de que esse enunciado também avalia é o mesmo que ontologizar a significação, ou seja, destituir o significado de toda a historicidade que lhe é própria (cf. Volóchinov, 2018a, p. 237ss).

Como discutido em Gomes (2023b), para Volóchinov, a avaliação social é importante, especialmente, porque ela permite sociologizar o caráter criativo da linguagem, que apareceu de maneira idealista em Wilhelm von Humboldt – que falava sobre uma “forma interna da língua” – e em Karl Vossler – que falava sobre um “gosto linguístico”. Além disso, um dos pontos recorrentes e, portanto, mais importantes nas considerações de Volóchinov sobre a avaliação social é a sua afirmação de que a mais plena expressão da avaliação social é a entonação expressiva. É a respeito dessa questão, então, que passo a tecer alguns comentários.

⁴ As dificuldades relativas à terminologia são tão significativas que, mesmo dentro de um único escrito ou no interior do pensamento de um autor específico, emergem dúvidas terminológicas e conceituais (cf., p. e., Curea, 2008).

2 A questão da entonação expressiva

Não é preciso ser um linguista para se dar conta de que, quando enunciamos de maneira oral, conferimos ao nosso enunciado um certo *contorno prosódico* – que, aqui, sem a pretensão de uma terminologia técnica, podemos chamar, também, de “curva melódica”. Certamente, os exemplos mais conhecidos, ainda que possam ser um tanto reducionistas quanto à realidade dos fenômenos, dizem respeito à existência de um contorno ascendente em enunciados interrogativos e de um contorno descendente em enunciados declarativos. Seja como for, o contorno prosódico é algo essencial. Afinal, trata-se de um dos recursos que empregamos para estabelecer o *enquadramento estrutural de nosso enunciado*, isto é, se nós realizamos um *enunciado assertivo* – p. e., uma afirmação, uma negação –, um *enunciado imperativo* – p. e., uma ordem, um pedido, uma súplica –, um *enunciado interrogativo* – p. e., uma pergunta – ou um *enunciado exclamativo* – p. e., um cumprimento, uma deferência, um xingamento⁵.

Em *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica, original de 1928, o pesquisador russo Pável N. Medviédev, confrade de Volóchinov, parece assumir que esse contorno prosódico é uma *entonação sintática*, que se distingue de uma *entonação expressiva*. Para Medviédev, inclusive, a entonação sintática é mais estável do que a entonação expressiva, a qual, aliás, ele concebe como não tendo ocorrência obrigatória no enunciado. Em suas próprias palavras:

A entonação expressiva que dá cor a cada palavra do enunciado reflete sua singularidade histórica, diferente da entonação sintática que é mais estável. O caráter expressivo é determinado não pelo esquema lógico do sentido, mas por toda sua plenitude e integridade individual, e por toda sua situação concreta e histórica. Da mesma forma, a entonação expressiva dá cor ao sentido e ao som, aproximando-os de forma íntima na união peculiar do enunciado. É claro, a entonação expressiva não é obrigatória, porém, quando ocorre, ela é a expressão mais clara do conceito da avaliação social (Medviédev, 2012, p. 185).

⁵ Até onde sei, a lista dos tipos de enquadramento não é algo bem estabelecido na literatura da área. É possível que isso esteja relacionado ao fato de que, além do contorno prosódico, o enquadramento estrutural de nosso enunciado/discurso é estabelecido por meio de recursos outros, como as propriedades morfossintáticas e sintáticas.

Ao que tudo indica, um tanto semelhante ao entendimento de Medviédev é a compreensão de outro confrade de Volóchinov, o já mencionado Mikhail M. Bakhtin. No texto de arquivo “Os gêneros do discurso”, escrito entre 1952 e 1953, Bakhtin também parece considerar a curva melódica, isto é, o contorno prosódico, como sendo uma entonação sintática, ou, nos seus próprios termos, uma *entonação gramatical*. Assumindo que essa entonação gramatical incide somente sobre a oração e que, à medida que a oração transforma-se em enunciado, ela obtém, também, uma entonação expressiva, Bakhtin distingue entonação gramatical e entonação expressiva de uma *entonação genérica* – vale dizer, de gênero. Como escreve,

A oração enquanto unidade da língua tem uma entonação gramatical específica e não uma entonação expressiva. Situam-se entre as entonações gramaticais específicas: a entonação de acabamento, a explicativa, a disjuntiva, a enumerativa etc. Cabe um papel especial à entonação narrativa, à interrogativa, à exclamativa e à exortativa: aqui se cruza de certo modo a entonação gramatical com a entonação de gênero (mas não com a expressiva no sentido preciso do termo). A oração só ganha entonação expressiva no conjunto do enunciado (Bakhtin, 2016, p. 56).

Por uma questão cronológica, nessa discussão sobre diferentes entonações – expressiva, genérica e sintática (ou *gramatical*) –, Volóchinov pôde interagir, textualmente, apenas com o Medviédev⁶. No ensaio “Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística”, original de 1930, nosso autor contesta seu amigo, alegando não haver entonação sintática. Conforme argumenta,

Acima de tudo, *qualquer entonação é expressiva*, isto é, é uma avaliação social encarnada em um material sonoro.

Com isso, desmorona a hipótese da possibilidade de ausência de entonação “expressiva”, uma vez que não existe nenhum discurso sem avaliação na natureza. Em seguida, se falamos de *entonação “sintática”*, por que não podemos falar de entonação “gráfica” ou “lexical”? A simbolização gráfica do som e a união dos sons em conjuntos significantes (semânticos), bem como as combinações desses conjuntos sonoros em enunciados inteiros dotados de sentido, são igualmente *condições linguísticas materiais da entonação de qualquer enunciado lido ou ouvido*. Privada dessa base material, a entonação dificilmente

⁶ Lembremo-nos de que o texto de Bakhtin foi escrito entre 1952 e 1953, portanto, posteriormente ao falecimento de Volóchinov, que se deu no ano de 1936.

irá existir, se, é claro, não considerarmos o discurso ‘simples como um mugido’.

É claro que entendemos o pensamento de Medviédev. É como se existisse um limite inferior da entonação expressiva, depois do qual já começa um outro campo, o da gramática e de suas categorias formais. No entanto, equiparar os conceitos de entonação *expressiva* e *sintática* é um *lapsus terminologiae* (Volóchinov, 2019d, p. 228, grifo nosso).

O excerto supracitado parece suficientemente claro: para Volóchinov, quando se tem em mente o contorno prosódico de um enunciado – quer dizer, essa curva melódica que Medviédev chama de “entonação sintática” e que Bakhtin chama de “entonação grammatical” –, o que está em cena não é um traço da posição valorativa do falante, mas, sim, uma exigência material para a realização do enunciado. Logo, numa reflexão que parte do contorno prosódico de um enunciado, não cabe falar de uma “entonação” – seja ela qualificada como “sintática” ou “gramatical”. De acordo com Volóchinov, se quisermos, realmente, falar de “entonação”, teremos de considerar que ela é, sempre, expressiva, portanto, algo que ocorre somente na ocasião de um enunciado concreto, que é onde o falante pode manifestar avaliações sociais.

Frente a isso, surge a pergunta elementar: afinal, para Volóchinov, o que é exatamente a entonação expressiva?

Como destacado em Gomes (2023b), a ideia de entonação expressiva parece um tanto propícia quando se busca refletir sobre o enunciado em contextos com longa e reconhecida tradição oral. Quanto a isso, vale lembrar que, a despeito da fragilidade do ensaio “O que é a língua/linguagem?”, de 1930, é nele que, numa nota complementar, fica exposto o quanto a oralidade está nas bases da definição de “entonação” apresentada por Volóchinov (2019b, p. 255): “a entonação é o aumento ou diminuição do volume da voz, que expressa nossa relação com o objeto do enunciado (de alegria, de tristeza, de surpresa, de questionamento etc.)”.

Em que pese essa fundamentação na oralidade, é preciso não se esquecer de que, em diferentes ocasiões, Volóchinov recorreu a enunciados escritos para exemplificar a entonação expressiva. É isso o que vemos, por exemplo, em *MFL*, quando, no quarto capítulo da terceira parte, o pensador russo discorre a respeito das diferentes entonações que incidem sobre uma mesma palavra em um determinado trecho da obra *Diário de um escritor*, do romancista russo Fiódor Dostoiévski (cf. Volóchinov, 2018a, p. 233ss). É o

que vemos, ainda, no ensaio “A construção do enunciado” (daqui por diante, CE), original de 1930, quando, a certa altura da sexta seção, Volóchinov passa a refletir sobre a entonação expressiva presente em determinados trechos da obra *Almas mortas*, de Nikolai Gógol (cf. Volóchinov, 2019c, p. 287ss).

Considerando esses dois exemplos, e fazendo algum esforço para não creditar a Volóchinov ideias que lhe sejam alheias, pode-se dizer que, no pensamento do estudioso russo, a entonação expressiva incide sobre as palavras do enunciado, ou seja, sobre as unidades lexicais que escolhemos para compor o enunciado. É por isso que, em *MFL*, o autor afirma que “manifestamos o nosso sentimento entoando expressiva e profundamente uma palavra eventual que às vezes é uma interjeição vazia ou um advérbio” (Volóchinov, 2018a, p. 235), o que se coaduna com uma afirmação presente em CE, qual seja, a afirmação de que “toda entonação exige uma palavra correspondente – ‘conveniente’ – e mostra, estabelece um determinado lugar da palavra na oração, da oração na frase e da frase no todo do enunciado” (Volóchinov, 2019c, p. 290).

Essa ideia – isto é, o fato de que a entonação expressiva incide sobre as palavras do enunciado – tem uma consequência importante: num mesmo enunciado, podem estar presentes variadas entonações expressivas e quanto mais longo for o enunciado – pensemos num enunciado disposto como “artigo de opinião” –, maiores são as chances de haver uma diversidade de entonações.

Dito isso, a essa altura, parece apropriado ponderar sobre a explicitude atinente à entonação expressiva, seja nas práticas orais, seja nas práticas escritas. Em relação às práticas orais, a entonação expressiva costuma ser explicitada a partir de diferentes recursos – como as propriedades prosódicas (p. e., intensidade e prolongamento silábico), os movimentos corporais, os gestos e as expressões faciais. Já no que se refere à explicitude da entonação expressiva em práticas escritas, parece estarmos frente a um caminho mais difícil de se trilhar. Afinal, ainda que a escolha das palavras e a disposição das palavras possam vir ao nosso socorro, seria ingenuidade supor que elas são suficientes para explicitar a entonação expressiva. Não se trata, aqui, de afirmar, como Medvídev (2012, p. 185), que “a entonação expressiva não é obrigatória”, mas, sim, de assumir que obrigatoriedade e explicitude não são a mesma coisa.

Seja como for, antes de prosseguirmos para uma discussão mais detida sobre entonação expressiva e práticas escritas, convém apresentar uma breve síntese: de um

lado, ao se considerar as *exigências materiais – especificamente, linguísticas – para a realização de um enunciado* (cf. Volóchinov, 2019d, p. 228), é possível dizer que o enunciado precisa ser realizado assertivamente, imperativamente, interrogativamente ou exclamativamente; de outro lado, ao se considerar a *entonação expressiva* – a partir, especialmente, da escolha e da disposição das palavras, bem como a partir de movimentos corporais, gestos e expressões faciais –, é possível dizer que a palavra, a unidade lexical, enquanto uma parte do enunciado, precisa ser definida como cômica ou séria, como sendo de admiração ou de desprezo, como sendo de resignação ou de revolta, de alegria ou de tristeza etc. (cf. Volóchinov, 2018a, p. 210 e p. 258; 2019c, p. 287 e p. 292).

3 A entonação expressiva em enunciados escritos: quando a tragédia é uma glória

Perante tudo o que já foi dito, quando se consideram as práticas de leitura, a grande questão é: como determinar a entonação expressiva de um enunciado escrito? Posto de outro modo: qual é o principal rastro a ser seguido para se perceber a comicidade ou a seriedade, a admiração ou o desprezo, a resignação ou a revolta etc. que se plasmam nas palavras de um determinado enunciado escrito?

Antes de avançar para uma resposta, parece adequado evocar um caso concreto que nos ajude a ver, com mais clareza, a complexidade relativa à determinação da entonação expressiva na escrita. Vejamos:

Imagen 1: Publicação em rede social.



Fonte: Arquivo pessoal.

No enunciado disposto na *Imagen 1*, tudo parece indicar algo corriqueiro: estamos diante de uma publicação em rede social, por meio da qual o governo federal busca conscientizar a população quanto a uma questão que toca diretamente em políticas públicas; no caso, políticas públicas relativas à saúde. Sendo assim, seria possível considerar, tranquilamente, que a expressão onomatopaica “toc-toc-toc” manifesta uma *entonação expressiva de seriedade suavizada pela solidariedade*.

Contudo, para alguns interlocutores, a entonação expressiva manifesta pela expressão onomatopaica “toc-toc-toc” parece ter sido outra. Tanto é assim que, ainda no dia da referida publicação, horas mais tarde, durante uma entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, o jornalista Eugenio Bucci, entrevistado da noite, foi questionado quanto à publicação em questão, ao que respondeu: “houve a presença de uma certa ironia, de um suposto senso de humor em canais oficiais” (Bucci, 2024). Assim, pode-se dizer que Eugenio Bucci – e outros tantos, como se pode inferir da pergunta feita pela jornalista Katia Brembatti – assumiu que a entonação expressiva era outra, algo como uma *provocação suavizada pelo humor*.

Ora, esse exemplo, certamente, já seria suficiente para demonstrar a complexidade relativa à determinação da entonação expressiva na escrita. Afinal, o que exatamente justificaria o entendimento de que a entonação é tal ou qual?

Entretanto, para que não se diga que estamos sempre restritos a enunciados veiculados em rede social – pois esse foi o caso em Gomes (2024) –, vale a pena apresentar outro exemplo. Trata-se de um exemplo mais remoto no tempo.

No conjunto de textos bíblicos conhecidos como Novo Testamento, todos os quatro evangelistas – nomeadamente, Mateus, Marcos, Lucas e João – registram um mesmo fato: na ocasião da crucificação de Jesus, o Cristo, foi colocada sobre a sua cabeça uma tabuleta em que estava escrito “Este é Jesus, o Rei dos Judeus” (Mt 27. 37; Mc 15. 25; Lc 23. 38; Jo 19. 19). Apesar de não haver grandes divergências quanto ao que estava escrito na tabuleta, os relatos dos evangelistas indicam que houve, na ocasião, uma aplicação de diferentes entonações para aquilo que estava escrito.

Por um lado, os três primeiros evangelistas constroem um relato que leva o leitor a assumir que a tabuleta manifestava uma *entonação expressiva de deboche*. É o que se pode observar a partir de trechos como os seguintes:

Tiraram as roupas de Jesus e puseram nele um manto vermelho. Teceram uma coroa de espinhos e a colocaram em sua cabeça. Em sua mão direita, puseram um caniço, como se fosse um cetro. Ajoelhavam-se diante dele e *zombavam*: “Salve, rei dos judeus!” (...) Os principais sacerdotes, os mestres da lei e os líderes do povo também *zombavam* de Jesus (Mt 27. 28, 29 e 41; grifos nossos).

Vestiram Jesus com um manto vermelho, teceram uma coroa de espinhos e a colocaram em sua cabeça. Então o saudavam, *zombando*: “Salve, rei dos judeus!” (...) Os principais sacerdotes e os mestres da lei também *zombavam* de Jesus. “Salvou os outros, mas não pode salvar a si mesmo!”, diziam (Mc 15. 17, 18 e 31; grifos nossos).

A multidão observava, e os líderes *zombavam*. “Salvou os outros, salve a si mesmo, se é o Cristo, o escolhido de Deus”, diziam. Os soldados também *zombavam* dele, oferecendo-lhe vinagre para beber. Diziam: “Se você é o Rei dos judeus, salve a si mesmo!” (Lc 23. 35-37; grifos nossos).

Por outro lado, o último evangelista, o apóstolo João, faz uma série de observações que conduzem o leitor a admitir que, da parte de Pôncio Pilatos, prefeito que autorizou a crucificação, a tabuleta não manifestava uma entonação expressiva de deboche, mas, sim,

uma *entonação expressiva de respeito*. É o que se pode observar, em primeiro lugar, pela ausência, no texto de João, de uma menção à zombaria infligida a Jesus e, em segundo lugar, pelo seguinte trecho:

Os principais sacerdotes disseram a Pilatos: “Mude a inscrição de ‘Rei dos judeus’ para ‘Ele disse: Eu sou o rei dos judeus’”.
Pilatos respondeu: “O que escrevi, escrevi” (Jo 19. 21-22).

Esse segundo exemplo, embora breve, termina de reforçar a complexidade da entonação expressiva na escrita. Por conseguinte, junto ao exemplo anterior, coloca-nos em condições de responder, mais adequadamente, à questão anteriormente evocada, a saber: como determinar a entonação expressiva de um enunciado escrito?

Em uma resposta direta, direi que o principal rastro a ser seguido para se perceber a comicidade ou a seriedade, a admiração ou o desprezo, a resignação ou a revolta etc. que se plasmam nas palavras de um determinado enunciado escrito é a parte extraverbal do enunciado, uma vez que, como já pontuado, a entonação expressiva, que orienta a escolha e a disposição das palavras, é determinada pelos elementos da parte extraverbal, quais sejam, o auditório e a situação – a qual é constituída pela realidade espaço-temporal, pelo tema do enunciado e pela relação valorativa.

Quanto a isso, no que concerne ao enunciado disposto na *Imagen 1*, vale observar dois pontos. Em primeiro lugar, o fato de que a escolha da expressão onomatopaica “toc-toc-toc” não soa involuntária, mas, sim, motivada por um acontecimento anterior que nos permitiria falar sobre a realidade espaço-temporal, o tema do enunciado e a relação valorativa. Refiro-me ao pronunciamento, no plenário da Câmara dos Deputados, no dia 22 de junho de 2022, da então deputada federal Joice Hasselmann (PSDB-SP), o qual se tornou viral nas redes sociais, especialmente pelo seguinte trecho: “Toc. Toc. Toc. Três batidinhas na porta. E aí, quem tá do lado de dentro pergunta: ‘quem é?’”. E a resposta é: ‘é a Polícia Federal.’” (Joice, 2022). Em segundo lugar, o fato de que, horas antes da publicação em rede social feita pelo governo federal no dia 29 de janeiro de 2024, os brasileiros mais afeitos ao noticiário político já estavam sabendo da deflagração de uma operação da Polícia Federal no gabinete do então vereador carioca Carlos Bolsonaro, o qual não somente é filho do candidato que fora derrotado nas eleições presidenciais de 2022, mas, sobretudo, é amplamente considerado um dos principais responsáveis pelas

estratégias de interação digital pautadas em alarmismo, desinformação e promoção de ódio às pessoas e às políticas de orientação progressistas – pessoas e políticas com as quais se identificava o governo federal da ocasião (2023-2026). Assim, é justamente em virtude dos elementos da parte extraverbal – especialmente, em virtude da realidade espaço-temporal e da relação valorativa do falante com o tema de seu enunciado – que podemos concordar com Eugenio Bucci quanto à entonação expressiva – de provocação suavizada pelo humor ou, simplesmente, ironia – presente no enunciado disposto na *Imagen 1*.

De modo semelhante, quanto ao relato sobre a crucificação de Jesus, também é em virtude da parte extraverbal que podemos compreender a diferença entre a entonação expressiva apresentada pelos três primeiros evangelistas e a entonação expressiva apresentada pelo último. Em termos gerais, enquanto os três primeiros evangelistas dão destaque à entonação expressiva empregada por aqueles que, historicamente, opuseram-se às palavras e às práticas de Jesus (cf. Mt 12. 14 e Jo 11. 53), o último evangelista dá destaque à entonação expressiva empregada por um prefeito que, além de não encontrar argumentos favoráveis à condenação e consequente crucificação (cf. Lc 23. 13-16 e Jo 19. 4), já havia sido alertado por sua esposa quanto ao cuidado que deveria ter na lida com aquele que estava sendo entregue para a crucificação (cf. Mt 27. 19). Dessa forma, parece um tanto claro que os elementos da parte extraverbal – especialmente, a relação valorativa do falante com o tema de seu enunciado – permitem compreender a distinção na maneira de conceber a entonação expressiva manifesta na tabuleta da cruz.

Tão importante quanto a compreensão de quais rastros devem ser seguidos para a apuração da entonação expressiva de um certo enunciado escrito, é a compreensão de que a determinação da entonação expressiva não é um objetivo perseguido pelo método sociológico exposto por Volóchinov. E o motivo é simples: se estabelecermos, de antemão, uma lista de expedientes linguísticos específicos que determinam, cada um, exclusivamente, uma dada entonação expressiva, de modo que possamos sempre recorrer a essa lista para averiguar a entonação em cena, estaremos substancializando a entonação expressiva, isto é, atribuindo-lhe o estatuto de uma entidade que existe por si mesma de forma sempre permanente. E isso, evidentemente, descaracterizaria o conceito de entonação expressiva, não apenas porque se chocaria com a alegação volochinoviana de que a “ênfase [valorativa] dificilmente pode ser substancializada” (Volóchinov, 2018a, p.

197), mas, sobretudo, pelo fato de que desconsideraria o entendimento de que o enunciado concreto, aquele em que as palavras recebem entonação expressiva, não se pauta em esquemas lógicos estabelecidos *a priori*, mas, em vez disso, organiza-se a partir da vida em sua concretude.

Sendo assim, não parece desatino dizer: ainda que os elementos da parte extraverbal sejam fundamentais para a determinação de uma certa entonação expressiva, o fato é que, justamente em virtude de sua determinação na escrita, o conceito de entonação expressiva revela-se a tragédia e a glória da reflexão de Valentin Volóchinov. Trata-se de uma tragédia metodológica e de uma glória epistemológica. Explico.

Em termos gerais, o conceito de entonação expressiva é uma *tragédia metodológica* pelo fato de que sustenta a inexistência de parâmetros fixos para a validação de uma interpretação quanto a qual seja a posição valorativa do falante. Em outras palavras, quando bem compreendido, o conceito de entonação expressiva põe em destaque o fato de que, apesar de toda a importância dos dispositivos linguísticos, nem mesmo eles podem ser vistos aprioristicamente como parâmetros fixos que permitem asseverar qual seja a ênfase que incide sobre determinada palavra em um dado enunciado concreto. E isso não significa dizer que fatores como a escolha das palavras e a disposição das palavras sejam descartáveis, mas sim que, ainda antes de a entonação expressiva orientar a escolha e a disposição das palavras, ela mesma, a entonação expressiva, já é determinada pela situação e pelo auditório, elementos não matematizáveis que compõem a parte extraverbal do enunciado. Em consequência disso, o conceito de entonação expressiva impõe sérios desafios a qualquer projeto que busque estabelecer uma cientificidade positivista em relação ao trabalho com o enunciado.

Contudo, é possível falar de uma *glória epistemológica* justamente pelo fato de que o pensamento de Volóchinov não estava comprometido com qualquer projeto de cientificidade positivista. Na verdade, ao sustentar a inexistência de parâmetros fixos para a validação de uma interpretação quanto a qual seja a posição valorativa do falante, o conceito de entonação expressiva indica, isso sim, a impossibilidade de se tolher a heterogeneidade das interpretações. Dito de outro modo, se não há parâmetros fixos para validar uma interpretação de qual seja a ênfase atribuída a determinada palavra em um enunciado concreto, torna-se evidente que, *a priori*, não se pode descartar nenhuma interpretação. Não se trata de assumir que toda interpretação de qual seja a ênfase que

incide sobre certa palavra em um dado enunciado concreto possa ser justificada. Em vez disso, trata-se de reafirmar que, no âmbito das ciências humanas – ou, para usar os termos de Volóchinov, no âmbito das “ciências das ideologias” –, fica inviabilizada a previsibilidade positivista. Seja como for, a consequência de tudo isso é clara: o conceito de entonação expressiva coloca o trabalho com o enunciado ao abrigo de toda investida positivista.

Considerações finais

Ao fim e ao cabo, considero importante dizer que, a meu ver, a reflexão sobre a avaliação social, com destaque para o conceito de entonação expressiva, pode colaborar substancialmente para o avanço de estudos linguísticos concentrados em temas distintos, os quais podem ir desde a recente profusão de emojis, *gifs* e figurinhas nas práticas escritas cotidianas até ao fenômeno da desinformação.

Tão importante quanto, considero que tudo o que foi exposto convida-nos a entender a entonação expressiva como um conceito muito pertinente para ressaltar, especialmente nas práticas didáticas, a ideia aristotélica de que nem toda racionalidade é apodíctica, ou seja, nem toda racionalidade é pautada em experimentos e demonstrações. Há uma racionalidade dialética, aquela que se pauta no debate dos pontos de vista; uma racionalidade que é proveniente daquilo que Bakhtin (2015, p. 43) chama de “heterodíscorso dialogizado” ou, como preferimos, *heteroglossia dialogizada*; uma racionalidade que tem como berço aquilo que Faraco (2020), de um modo um tanto preciso e didático, denomina “circulação polêmica dos discursos sociais”.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. pp. 11-69. [1952-1953]
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I*: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BIBLIA Sagrada. *Nova versão transformadora*. São Paulo: Mundo Cristão: 2016.

BUCCI, Eugenio. Eugenio Bucci critica ironia do governo Lula em meio à investigação da PF sobre a Abin. *In: Entrevista*. Youtube: Roda Viva, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rRk_vRqHjD4. Acesso em: 11 set 2024.

CUREA, Anamaria. L'expressivité linguistique: un objet problématique dans la théorie de Charles Bally. *In: DURAND, Jacques; HABERT, Benoît; LAKS, Bernard. (Éds.) Congrès Mondial de Linguistique Française*, Paris, France, pp. 917-928, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1051/cmlf08234>.

FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin tem algo a dizer ao ensino de português? *In: Webinário ProfLetras UNESP*. YouTube: GED – Grupo de Estudos Discursivos, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9_JfmI_085Y&t=4300s. Acesso em: 11 set 2024.

FREGE, Gottlob. O pensamento. Uma investigação lógica. *In: FREGE, Gottlob. Investigações lógicas*. Organização, tradução e notas de Paulo Alcoforado. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. pp. 9-39. [1918-1919]

FREGE, Gottlob. Sobre o sentido e a referência. *In: FREGE, Gottlob. Lógica e filosofia da linguagem*. Seleção, introdução, tradução e notas de Paulo Alcoforado. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. pp. 129-158. [1892]

GOMES, Filipe Almeida. A questão do valor em Saussure e em Volóchinov. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, v. 18, n. 3, e-60878p, jul/set. 2023a. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p60878>.

GOMES, Filipe Almeida. O estudo da língua e a entonação expressiva: sobre a organização metodológica proposta por Volóchinov. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 24, pp. 1-19, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-24-19>.

GOMES, Filipe Almeida. *Valentin Volóchinov*: a vindicação do axiológico. São Paulo: Contexto, 2023b.

JOICE Hasselmann. Deputada. Horário – 12h41'55"; Duração – 0:05:38. *Plenário da Câmara dos Deputados*. Brasília, DF: 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/evento-legislativo/65858?a=552474&t=1655912515573&trechosOrador=Joi>. Acesso em: 11 set. 2024.

MEDVIÉDEV, Pável N. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012. [1928]

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. *In: VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a. pp. 109-146. [1926]

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua? *In: VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. pp. 234-265. [1930]

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado. In: VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c. pp. 266-305. [1930]

VOLÓCHINOV, Valentin. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. In: VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018a. pp. 81-322. [1929]

VOLÓCHINOV, Valentin. Plano de trabalho de Volóchinov. In: VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018b. pp. 325-352. [1927-1928]

VOLÓCHINOV, Valentin. Sobre as fronteiras entre a poética e a linguística. In: VOLÓCHINOV, Valentin. (Círculo de Bakhtin). *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019d. pp. 183-233. [1930]

WINDELBAND, Wilhelm. Was ist Philosophie? In: WINDELBAND, Wilhelm. *Präludien*: Aufsätze und Reden zur Philosophie und ihrer Geschichte. Einleitung und Anmerkungen herausgegeben von Jörn Bohr und Sebastian Luft. Hamburg: Meiner, 2021. pp. 9-54. [1882]

Recebido em 29/11/2024

Aprovado em 13/03/2025

Declaração de disponibilidade do conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Pareceres

Tendo em vista o compromisso assumido por *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* com a Ciência Aberta, a revista publica somente os pareceres autorizados por todas as partes envolvidas.

Parecer I

O artigo “Valentin N. Volóchinov e a entonação expressiva: entre a tragédia e a glória” apresenta originalidade ao discorrer sobre aspectos que ainda requerem reflexões no

Bakhtiniana, São Paulo, 20 (4): e69280p, out./dez. 2025

Todo conteúdo de *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso* está sob Licença Creative Commons CC - By 4.0

âmbito dos estudos dialógicos: os parâmetros (não fixos) para a análise da entonação expressiva, especialmente a que emerge em enunciados escritos, conforme se aborda na terceira seção. Traz, portanto, contribuições para o campo do conhecimento. O título é adequado, instigante e criativo. O referencial teórico é consistente, atualizado, e bem empregado na fundamentação do texto. O desenvolvimento é coerente com o objetivo estabelecido. Aponto como sugestão ao (à) autor (a), mas sem comprometimento do artigo, a revisão das considerações finais, no sentido de apontar/sintetizar as implicações da entonação expressiva, incluindo a resposta para a pergunta explicitada na seção três: como determinar a entonação expressiva de um enunciado escrito? Ainda considero pertinente esclarecer ao leitor a relação da racionalidade dialética e heteroglossia dialogizada, mencionadas na parte final, com a temática e a discussão empreendida no texto. Por fim, o artigo está claro, bem-organizado e escrito em linguagem adequada. Parabenizo o autor (a autora) pela excelência da produção. APROVADO.

Cristiane Malinoski Pianaro Angelo – Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro, Riozinho, Paraná, Brasil; <https://orcid.org/0000-0003-2297-890X>; cristiane.mpa@gmail.com

Parecer emitido em 13 de março de 2025.

Editores responsáveis

Adriana Pucci Penteado Faria e Silva

Beth Brait

Maria Helena Cruz Pistori

Paulo Rogério Stella

Regina Godinho de Alcântara